

Título: A dança em bases novas ou Béjart

Data da publicação: 29 de Maio de 1979. Belo Horizonte

Veículo: Jornal Diário da Tarde, Ano: 49; N° 16. 630; Pág. 09



# A dança em bases novas ou Béjart

Quando estive no Rio, em 1963, Maurice Béjart não fez o menor sucesso. Apenas uns poucos iniciados nesta nova corrente de balé viram no bailarino francês, que dirigia um grupo de danças belgas, uma força nova no balé mundial. Agora, 16 anos depois, ele está novamente no Rio para uma temporada que começou vitoriosa no dia 22 e que vai até esta quinta-feira. Récitas extras tiveram que ser improvisadas, o Teatro Municipal do Rio vem recebendo um público caluroso que lota literalmente todos os seus lugares e que saúda o novo rei da dança, com gritos de bravo e palmas, que provocam mais de cinco cortinas no fim de cada ato.

Fui ver Béjart no domingo, em vespéral. Tudo que se disse é válido e merecido. Béjart veio realmente revitalizar a dança, que coloca em bases totalmente novas. No programa, três números: "Mallarmé III — Tombeau", com música moderna de Pierre Boulez. É um balé hermético, que reproduz a solidão do poeta que já se considera morto para o mundo. Para quem não consegue seguir a linha introspectiva e fantástica proposta por Béjart resta o consolo visual: o coreógrafo trabalha com linhas rigorosamente geométricas, estritas. Mas nem assim é uma obra fria — é talvez um pouco difícil, intelectualizada, mas ao mesmo tempo bastante poética.

O segundo número foi uma versão nova de Petrouchka. Enquanto no balé russo a coreografia de Fokine conta o drama de marionete Petrouchka que sente emoções humanas, no balé de Béjart é o homem a principal figura — buscando sua essência através de máscaras e do encantamento do bruto ao qual entrega sua alma. A hora de revelação é dolorosa, brutal mesmo. A Rússia original é apenas sugerida, a feira transforma-se numa festa, os cenários são apenas espelhos encimados por torres russas. A viagem do homem dentro de si mesmo muda toda a concepção romântica do balé — e é uma maravilha.

O terceiro e último número trouxe o "Bolero" de Ravel. Não um bolero como nós conhecemos. Apesar de ser anunciado que Béjart apresentaria a segunda versão (um bailarino fazendo o papel da melodia, cercado por 38 mulheres), o que se viu foi a versão original, criada por ele em 1960. Shonack Mirk dominou a cena — tornou-se toda sensualidade enquanto a música ia-se enrolando sobre si mesma, até um crescendo que explode no silêncio. Bonita a coreografia, fascinante o desempenho da bailarina colocada de malha no alto de um estrado vermelho, cercada por bailarinos que a desejam. Foi o número mais ovacionado da tarde, possivelmente por ser o de mais fácil assimilação, apesar de apresentar uma proposta também nova. Pena Béjart não ter mostrado a segunda versão, quando o homem é figura central. A coreografia é a , sem nenhuma modificação, mas seria um impacto novo e um segmento normal de seu balé que realmente faz do bailarino o centro, a primeira figura.

Texto de Anna Marina

